

AMOR AO CAMPO

* Roberto Rodrigues

Outro dia, em um destes intermináveis vôos noturnos internacionais, caiu-me às mãos um exemplar da revista Harper's Magazine de dezembro, na qual o articulista Wendell Berry fazia referência a livros escritos por Louis Bromfield na década de 50 do século passado, falando da agricultura.

Lembrei-me bem do livro "Vale Aprazível" porque era com essa frase que minha mãe saudava a chegada na fazenda todos os anos para as férias prolongadas de dezembro a fevereiro. Íamos todos – até o fox paulistinha Tupi – embrulhados em guarda-pós quando estava seco ou chacoalhando a lama quando chovia, no velho DeSoto 49 que resfolegava nas estradas de terra de São Paulo de outrora.

O artigo falava de amor à agricultura, porque era disso que Bromfield tratava: para ser agricultor ou pecuarista, é preciso amar esta atividade. E seguramente um cidadão urbano, por mais correto que seja, terá dificuldades em compreender este amor. Como pode o lavrador ser tão apaixonado pelo que faz? Levantar-se ainda no escuro para organizar o dia, preparar a sementeira ou ordenhar a vacada? Lidar o tempo todo com poeira, barro, graxa, defensivos, esterco, esta "sujeira" toda? Ficar dependendo do tempo, ora pedindo para a chuva parar, ora implorando por uma garoa mínima que faça germinar a semente?

Ora, coisa estranha, este amor. Mas ele existe e é muitas vezes imenso, superior mesmo à compreensão.

No artigo referido, Berry conta uma passagem extraída do Fausto, de Goethe, quando aquele buscava, tratando com Mefistófeles, uma forma de manter-se jovem para sempre. Na conversa, o diabo oferece a Fausto, para este fim, uma poção feita por bruxas. Mas Fausto, nauseado com o aspecto e cheiro do preparado, pergunta a Mefistófeles (em tradução liberal!):

- "Não existiria na natureza, ou alguma nobre mente não teria descoberto algum remédio, algum bálsamo para a eterna juventude?"

E o diabo responde que sim, que havia uma maneira natural de manter-se sempre jovem:

- "Vá para o campo, e comece logo a trabalhar: cavar, enxadar... Mantenha seus pensamentos, sua atenção e você mesmo neste trabalho no campo. Coma a comida que você plantar. Esteja disposto a adubar o campo que vai colher. Esta é a melhor maneira – acredite em mim – para continuar a ser jovem aos oitenta."

Fausto, um intelectual, não aceita o trabalho, argumentando que não agüentaria uma vida tão restrita.

E Mefistófeles responde: - "Bem, ainda temos as bruxas!..."

Na verdade, Berry encontrou uma forma literária para mostrar que a atividade no campo não é mesmo para qualquer um, ainda que ela justificasse uma passagem para a juventude eterna, ambição de tantos... Apenas quem ama este trabalho, sentindo o prazer único de ver uma semente plantada com esmero germinar e frutificar, enfrentando as pragas, as doenças e as vicissitudes

do clima, pode realmente se dedicar à agricultura. Só quem sorri de madrugada ao ver um bezerro recém nascido tropeçando na busca das tetas da mãe pode ser um pecuarista.

É preciso amar esta missão gloriosa. Mas também é preciso saber cumpri-la. E por fim, é preciso ter sorte...

Que 2010 seja um ano de muita sorte e muito amor aos produtores rurais brasileiros. Mesmo que tal amor seja inexplicável...

Mas, afinal, qual é o amor que se pode explicar?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**